

Design como uma Cosmotécnica

Design as one Cosmothechnic

COSTA, Carlos Eduardo Félix da; Professor Doutor; PUC-Rio

cadu@puc-rio.br

MARTINELLI, Gabriel Cesario Alvim; Mestrando; PUC-Rio

borjoize@gmail.com

Este artigo tem como objetivo situar o Design como campo, no conceito de Cosmotécnica proposto por Yuk Hui, como maneira de responder aos anseios de Latour sobre seu destino. Essa tarefa ocorrerá entendendo a associação do Design com Prometeu e portanto com seu fim tragista. Propondo como maneira de evitar este fim, um Design mais inclusivo e consciente das localidades e possíveis colaborações, o que é possível entendendo ele como uma das Cosmotécnicas.

Palavras-chave: Design; Decolonialidade; Tecnologia; Cosmotécnica.

This article's objective is to understand Design as a whole, in Yuk Hui's Cosmotechinics concept as a way to answer to Latour's anxiety. This will be done by understanding Design's relation to Prometheus and, therefore, his tragic destiny. As an effort to avoid this destiny we'll propose a more inclusive Design, conscient of localities and possible collaborations with them, which is possible when we understand it as one the Cosmotechinics.

Keywords: design, decoloniality, technology, cosmotechinics

1 Introdução

Este artigo deriva das discussões, estudos e produções da pesquisa de mestrado “A Cultura de Massa Japonesa e suas Influências nas Subjetividades Através da Produção de Cultura no Brasil”, que se dedica a entender como a cultura *pop* nipônica, em especial na forma de *animes*, *mangas* e jogos afeta e influencia as subjetividades e produções de diversos autores e produtores brasileiros. Ao nos dedicar ao tema da diversidade cultural, técnica e epistemológica na produção de cultura esperamos trazer para o campo do design mais ferramentas de reflexão e posicionamento – mais locais e menos coloniais – em relação ao seu fazer e pensar.

Nesse contexto, apresentamos a relação entre o Design e a Cosmotécnica propostas por Yuk Hui (2016). O autor chinês tem sido celebrado por oferecer caminhos para se pensar meios aplicáveis as práticas projetivas que privilegiam epistemologias locais, afastando-nos das narrativas hegemônicas. Para tanto, traremos à tona as definições de Técnica, Tecnologia e Techné propostas por Heidegger (1977) e revisadas por Hui (2016 Manzini & Cullars (1992),

Findeli (2001), Latour (2014). Além de Bachelard (1990), com suas visões do mito de Prometeu, e Han (2020), introduzindo o conceito de Tecnodiversidade.

Iniciamos nossa discussão resgatando a importância de Prometeu para o campo do design. A interpretação mais útil para nós tem origem em Platão e Ésquilo (VERNANT, 2006). Nela Epimeteu, seu irmão, dá aos animais suas características e qualidades – penas, pelos, carapaças, dentes, garras, e toda uma diversidade de recursos para se defenderem e prosperarem –, mas, finalmente, ao chegar nos seres humanos, os deixa nus e desprovidos de atributos. Prometeu para terminar o trabalho de seu irmão concede aos humanos a capacidade de se apoiar em duas pernas e um corpo sólido. Mas ainda assim, faltava algo para garantir sua sobrevivência, e o semideus, então, decide roubar o fogo sagrado do conhecimento de Hefesto e dá-lo de presente a nossa espécie.

Esse conhecimento divino permitiu a produção de ferramentas, cerâmicas, armas, roupas, abrigo e toda a cultura material necessária para que prosperássemos. Claro, essa é senão uma das versões do mito, mas que detém em comum com outras as chaves que precisamos para entender a relação entre Prometeu e a Tecnologia, Técnicas e, portanto, com o Design. Talvez não seja essencial agora, mas definitivamente será no futuro para outras reflexões, Prometeu também é conhecido por ser a deidade do trabalho e da tolice (BACHELARD, 1990), característica ambígua adquirida por ter ajudado os humanos sem prever a severidade do castigo que lhe seria imposto por Zeus.

Pela força do Ocidente sobre o restante da humanidade a narrativa grega acabou por ser estendida a outras culturas, produzindo uma visão universalizante em relação ao mito da criação. Quanto a isso, Hui (2016) nos provoca:

“Ao assumir um Prometeísmo universal, se assume também que todas as culturas nascem da *techné*, que é originalmente grega. Mas na China encontramos outra mitologia acerca da criação dos humanos e da origem das técnicas, uma na qual não há figura prometeica.” (p. 14, tradução nossa).

Evidentemente não é somente à mitologia chinesa a qual o prometeísmo não comporta. Entretanto, apesar de sabermos ser essencial para uma compreensão aprofundada sobre as possibilidades do Design, não nos aprofundaremos em outros exemplos no momento, deixando esta provocação para o final deste artigo. Aqui, é mais relevante nos concentrarmos na relação entre a Mitologia Grega como componente essencial do pensamento europeu, sua filosofia, tecnologia e assim em diante.

Por mais que a Filosofia Europeia “tente se afastar da mitologia” (HUI, 2016, p. 11, tradução nossa), em especial da grega, é profundamente influenciada pela mesma. Para Hui, é justamente o movimento dialético entre racionalidade e mito que constitui a dinâmica de construção dos conceitos filosóficos ocidentais. “Mitologia é componente essencial da Filosofia Europeia, que se distancia da mitologia naturalizando o divino e o integrando como suplemento da racionalidade.” (HUI, Op. Cit., p. 10, tradução nossa). Desta maneira, por mais que o discurso não seja mitológico, ele o incorporou de forma tão profunda que não há mais dissociação entre ambos. Assim, podemos entender que a questão da Tecnologia é, essencialmente, europeia e mitológica.

É lúcido, portanto, que criemos uma diferenciação dos conceitos que utilizaremos, um glossário. Empregaremos Técnica, nos referindo a uma forma geral que representa todas as formas de produzir e realizar. Isso será importante, uma vez que estamos abarcando uma diversidade de fazeres, assim como de epistemologias e ontologias possíveis destes diversos fazeres. O termo Tecnologia será usado para nos referirmos ao modo prometeico de reunir

Técnicas e *tudo* o que é associado a ela: eurocentrismo, masculinidade branca, capitalismo e enraizamento, como já citado, em questões pertinentes ao pensamento denominado também de “ocidental”. Mais especificamente, dentro da virada radical da modernidade proposta por Heidegger em *“The Question Concerning Technology and Other Essays”* (1977), que coloca a essência dela mesma para fora de si, na estrutura (*Ge-Stell*), estrutura essa que provoca transformações entre o humano e o mundo, de tal ordem que tudo é reduzido à *Bestand*¹. Finalmente, alertamos o leitor por nossa opção em escrever as palavras em letra maiúscula, por estarmos lidando com conceitos criados por autores, que transcendem o entendimento comum dos termos. O mesmo ocorre com Design, Tecnodiversidade e Hiperconectividade, sendo os dois últimos, nomes que ainda surgirão ao longo do texto.

A Tecnologia, como proposta pelo autor alemão em *“The Question Concerning Technology and Other Essays”* (1977) traz consigo um problema: seu discurso universalizante. Hui (2016) ao comentar a obra aponta que “a essência da Tecnologia Moderna não é em nada tecnológica, mas sim enquadrante(*Ge-Stell*)” (p. 3, tradução nossa). O que indica, mesmo indiretamente, que todas as produções de diversas culturas podem não somente ser exploradas como quantificadas, organizadas, medidas e comparadas. A partir deste pensamento, só existe um tipo de Tecnologia e Técnica, já que elas seriam por sua vez “antropologicamente universais e teriam as mesmas funções” (HUI, Op. Cit., p. 4, tradução nossa) – as de estoque ou *asset*, em qualquer contexto. “Heidegger vê a tecnologia como algo destacável de sua origem cultural” (HUI, Op. Cit., p. 5, tradução nossa).

Se a Tecnologia é universal como Heidegger aponta, sua ontologia talvez esteja mesmo no Prometeísmo, na criação mitológica e universal da humanidade com base em sua capacidade técnica, dada na forma de fogo. Mas aqui, devemos lembrar o fim de Prometeu, eternamente punido, amarrado em uma rocha enquanto uma águia come todos os dias seu fígado, que se regenera durante a noite para sofrer cíclica e infinitamente. Estamos em alguma instância também agonizando, sofrendo o destino daquele que nos presenteou? Na redução do humano à sua capacidade de produzir (*bestand*), só lhe resta a tragédia. Prometeu foi castigado pois Zeus temia que os ¹humanos se equiparassem aos deuses através das invenções. Nós, como veremos a seguir, nos flagelamos por incorporar essa impossibilidade.

A globalização foi, e é, um grande impulso unilateral, que “traz consigo a universalização de epistemologias particulares e, através de meios tecnoeconômicos, a elevação de uma visão de mundo regional ao *status* de metafísica supostamente global” (HUI, 2020, p. 14). É como se o fogo de Héstia dado aos gregos tivesse se espalhado pela Europa e de lá se alastrado pelo mundo queimando tudo. O carvão, cinzas e brasas depois são *Bestand*, são os mesmos objetos que antes, mas agora quantificados e organizados para servir ao Capitalismo. “A Terra e o cosmos foram transformados em um imenso sistema tecnológico” (HUI, Op. Cit., p. 1).

“Uma lógica tragista é um ato sublime que tenta resolver a contradição pela afirmação do destino — a origem e sofrimento do herói — a fim de transcendê-lo e dele se libertar” (HUI, Op. Cit., p. 91). Para Hui (2020), a superação se daria através de uma “neocolonização que impõe sua racionalidade via instrumentalidade” (p. 26), ou seja, tenta-se superar os limites

¹ Em *“The Questions Concerning Technology and other Essays”* (1977) Heidegger aponta para como a Tecnologia Moderna designa tudo que toca como recurso disponível que pode ser explorado, ou melhor, “encomendado” (*bestellt*). Mas dentro da lógica dessa tecnologia, tudo é ‘matematizável’ e serve à eficiência, portanto, assumem a ‘posição’ (*Stand*) de algo ‘aprovisionável’ (*Bestand*), e transforma tudo em reservas. Isso faz com que tudo que é colocado em nossa frente não seja mais “objeto”, pois sua essência não é mais a de objeto, seja ele qual for, mas sim a sua capacidade de abastecer as necessidades de um determinado uso.

desta globalização através da extrapolação dela mesma, via acelerações como o *transhumanismo*² ou de um *hiper-liberalismo*, ambas opções lúgubres.

O mito Prometeico nos adverte que se continuarmos irrefletidamente caminhando à equiparação com os deuses, seremos castigados. Sofreremos os efeitos negativos que esta corrida irrefletida gera. Crises nas quais estamos imersos, como a intrusão de Gaia no “Antropoceno” de Latour (2017), podem ser encaradas como tal. Hui (2020) propõe que para fugirmos deste futuro macabro, é necessário abandonar a narrativa. Tentar entender a Tecnologia fora da linearidade tragista e começar a diversificar as possibilidades, “vislumbrar a existência de uma bifurcação de futuros tecnológicos” (p. 25). Acreditamos que o Design, como aponta Latour (2014), tem um papel de protagonismo no processo de afirmação deste processo, em que novas brechas a possibilidades gestarão.

2 Design é uma Técnica Prometeica

Nossos esforços se concentrarão em detectar autores que identificam a perspectiva prometeica no Design e que tendem a questioná-la. Citamos primeiramente Manzini & Cullars (1992) com o trabalho “Um Prometeu Cotidiano” (1992). O texto já atenta para a necessidade do campo projetivo se contrapor às concepções universalizantes e utilitaristas que regem a modernidade industrial. Há um apelo a inclusão de éticas ecossistêmicas baseadas em responsabilidade, solidariedade e comunidade com o presente e com o futuro. Porém, ainda observamos no autor uma vontade contraditória de separar o Design de sua origem tecnológica e prometeica, ao mesmo tempo em que a afirma. Existe um posicionamento que já parece separar a humanidade da natureza, colocando na primeira a responsabilidade de dominar ou domar a outra, como se propõe as capacidades humanas advindas do mito. O ponto de cisão aqui parece ser mais a postura do homem contra a natureza, ou da natureza contra o homem.

Já Findeli (2001) traz à tona seu projeto o “Prometeu Esclarecido” (1989-92), em que repensa o código de ética da profissão, chegando a algumas conclusões inovadoras: (i) para definir responsabilidade pessoal, é necessário um debate sobre o propósito do Design; (ii) a prioridade deveria ser dada para reformar a educação em Design, e; (iii) não há Design responsável sem um designer responsável, portanto, a educação deveria ser direcionada à ética individual.

Findeli faz um movimento semelhante ao de Manzini & Cullars, pois também traz consigo as marcações da estrutura da Tecnologia de Heidegger como seu caráter universal, suas implicações com a natureza e assim por diante. Mais uma vez, tenta se utilizar de um discurso, uma lógica que essencialmente vê a Tecnologia como aquela que quantifica e utiliza a natureza (a vê como, ou a transforma em *Bestand*) para tentar salvar essa mesma natureza dos humanos e da Tecnologia.

Finalmente podemos entrar em Latour (2014), com seu “Um Prometeu Cauteloso?”. Aqui, entendemos que o mais importante é sua leitura sobre a Tecnologia, que agora é toda *designed*: “Quanto mais objetos se transformam em coisas, mais eles se traduzem inteiramente em objetos de design” (Ibid., p. 3). Assim, entendemos que o movimento de coisificar (*ding*) é se não o mesmo, no mínimo, cheio de intercessões e semelhanças com o

² Transhumanismo em sua essência é uma vontade de transformar a condição humana por meio da tecnologia. Aqui estamos falando mais especificamente do transumanismo para o qual Hui aponta em Tecnodiversidade, aquele que tem como objetivo superar o Antropoceno através da aceleração dos atos que nos levaram a ela.

movimento de aprovisioná-las (*Bestand*). Se isso for verdade, Design e Tecnologia estão intimamente ligados.

Latour (2014) aponta para isso quando fala da quarta vantagem³ do termo *Design*, que deixa claro que um projeto não começa do zero. Ele precisa sempre de um aprovisionamento de coisas, um problema ou uma questão. Se dando através da elaboração e não da construção. Essa elaboração, apontada pelo autor como a primeira vantagem do termo, não parece nada além da própria estrutura (*Ge-Stell*) da tecnologia, que se afasta de si mesma para defini-la. O autor ainda propõe que o Design está cada vez mais presente em todos os aspectos da Tecnologia e, até mesmo, a supera, entrando nos campos de Hermes, com a Política, e de Gaia com a Ecologia. Isso se daria porque não é mais possível separar a materialidade e a objetividade do simbolismo e da subjetividade.

Os ambientes (*umwelt*) humanos seriam todas as esferas (SLOTTERDIJK, 2016), todos os envelopamentos em alguma instância coisificados, *designed* e, provavelmente, aprovisionados (*Bestand*). Desassociar o Design da Tecnologia se torna, assim, quase impossível. Por mais que Latour (2014) proponha que o “design é um substituto poderoso das noções de fazer e construir” (p. 15), acreditamos que elas têm tentado se tornar poderosos substitutos da Tecnologia. Mesmo que o Design tenha as capacidades de substituir a revolução propostas pelo autor, e consiga determinar o que é a Tecnologia, é impossível que ele a supere, no máximo, podem se igualar ou se tornar una. Quando Latour (2014) pergunta “Retornamos a Prometeu e à questão da criação. Somos capazes de ser o Deus do design inteligente?” (p. 17), celebrando que a resposta para isso seja positiva através da artificialização, ou mais precisamente, da *esferificação* por meio de Design, concluimos que o fazer projetivo teria a função, ou no mínimo o poder de aprovisionar tudo e, a partir disso, utilizar *tudo* para formar as estruturas.

Ao final, Latour parece apontar para uma resolução das contradições trágicas dos designs prometeicos citados anteriormente. Porém, também o faz de maneira tragista, dentro da lógica do próprio Prometeu. O drama do homem contra a natureza, uma oposição imutável descendente do próprio mito, no qual o homem não tem, sem a ajuda de um titã, as ferramentas para sobreviver à natureza, é superada afirmando o destino manifesto pelos deuses e por Heidegger em suas “Questões sobre a Tecnologia” (1977). Assim, a proposta de Latour (2014) é queimar tudo com o fogo de Héstia com cada vez mais precisão, e a partir das cinzas quantificáveis e *designable* “reelaborar o planeta” (p. 18).

O autor francês reconhece a dificuldade de superar a estratégia através desse caminho quando fala: “Enquanto existir essa lacuna, não haverá como o design tirar o modernismo do seu beco sem saída histórico.” (LATOURE, 2014, p. 21). A lacuna em questão é a distância

de elaborarmos para as coisas — isto é, para as questões de interesse — um espaço visual aberto ao público que seja, mesmo que remotamente, tão rico, tão sistemático e tão fácil de interagir quanto os espaços virtuais para objetos concebidos como questões de fato elaborados há mais de quatrocentos anos (LATOURE, Op. Cit., p. 20-21).

Ou melhor, a distância entre o que queremos que o Design e a Tecnologia sejam para conseguirmos resolver suas contradições já introjetadas desde suas origens históricas, prometeicas.

³ A lista é composta de: 1) Caráter Propositivo e Humilde; 2) Atenção aos Detalhes; 3) Se Oferecer à Interpretação; 4) Composição e Articulação; 5) Exercício Ético; 6)

3 Design como Cosmotécnica

Concordamos com Latour que o Design deixou de ser “uma” Técnica dentro de um universo Tecnológico, se aproximando cada vez mais da própria Tecnologia e da maneira como esta funciona. Mas, frente às crises do Antropoceno e da dominação do discurso universalizante, devemos nos voltar não à Tecnologia ou ao Design, associados ao pensamento trágico, à Prometeu, ao pensamento globalizado universalizante e assim em diante, mas sim para as Técnicas. Afinal seria o Design e a Tecnologia as únicas maneiras de fazer e produzir? Existem outras respostas para os colapsos e para a maneira como “vemos a tecnologia enquanto força exclusivamente produtiva e mecanismo capitalista voltado ao aumento da mais-valia” (HUI, 2020, p. 10)? É essencial que consigamos responder essa pergunta, pois como aponta Hui (2020):

Há motivos legítimos para desconfiar do impulso prometeico tragista que afirma pôr fim ao capitalismo por meio da automação total, já que esse impulso tem como base uma falsa personificação do capitalismo, como se ele fosse uma pessoa idosa que será deixada para trás pelo avanço tecnológico (p. 11).

Hui (2020) acredita que a resposta para este questionamento está na Tecnodiversidade, rearticulando a questão das Técnicas e da Tecnologia e contestando seus pressupostos universalizantes. É necessário que as culturas não-europeias aprendam com a modernidade e consigam desenvolver uma visão crítica sobre a Tecnologia e o Design, não a partir das noções coloniais, capitalistas e predatórias, mas sim a partir de seus próprios pontos de vista. Esse “diálogo transversal” seria uma resposta para um mundo “sincronizado e transformado por uma força tecnológica gigantesca” (Ibid., p. 10). Logo, é essencial que entendamos o conceito de Cosmotécnica:

Aqui vai uma definição preliminar: cosmotécnica é a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou de obras de arte. Não há apenas uma ou duas técnicas, mas muitas cosmotécnicas (HUI, Op. Cit., pp. 24-25).

A partir dessa definição, voltando às nossas análises anteriores já é possível olhar para o Design como um exemplo de Cosmotécnica. O campo não é mais do que a unificação da cosmologia trágica europeia, na figura de Prometeu, à serviço da moral colonial capitalista por meio das Técnicas da Tecnologia moderna. A principal diferença entre a visão Cosmotécnica do Design e a que tínhamos antes é a ausência de sua universalidade.

Esse afastamento do discurso universalizante é fundamental, pois situa o Design não como a única ferramenta para produzir *as esferas* (SLOTERDIJK, 2016) que habitamos, mas sim como mais uma no meio de uma diversidade de outras. Isso o permite se comunicar com epistemologias, fazeres e saberes vários, bem como o permite os “diálogos transversais”. Para evitar a tragicidade de seu destino manifesto o Design deve se diversificar.

Estou convencido de que, a fim de confrontar a crise diante da qual nos encontramos — mais precisamente, o Antropoceno, a intrusão de Gaia (Latour e Stengers) ou o ‘Entropoceno’ (Stiegler), todas essas noções apresentadas como o futuro inevitável da humanidade —, precisamos rearticular a questão da tecnologia, de modo a vislumbrar a existência de uma bifurcação de futuros tecnológicos sob a concepção de cosmotécnicas diferentes (HUI, 2020, p. 25).

O Design, no lugar de uma Cosmotécnica, entendendo suas raízes prometeicas e seus vícios de origem, tem, exatamente, o poder de se *redesign*. Seja, como Latour aponta, utilizando a sua característica “reparatória”, como com a “humildade” de saber que não é a única forma de realização. Ou através de uma comunicação com outras Cosmotécnicas com outras cosmologias, morais e atividades e, a partir disso, se diversificar. Acelerando o “eixo de tempo global” (HUI, 2020, p. 56) em outra direção, para outros caminhos.

Para que isso seja possível, precisamos refletir sobre como nos reapropriar da tecnologia moderna por meio da reflexão sistemática e da abordagem da questão das epistemologias e das epistemes à luz de múltiplas cosmotécnicas – ou, colocado de modo mais simples, da tecnodiversidade que possa ser localizada na história e que ainda seja produtiva (HUI, 2020, pp. 56-57).

Em outras palavras, o Design precisa se situar dentro do contexto da Tecnodiversidade se quiser deixar de ser o algoz trágico de seu próprio destino, se não da humanidade. Para tal, vale a pena recorrermos mais uma vez para as propostas de Hui (2020) e para seu convite. Em “Tecnodiversidade” (2020), o autor nos incentiva a pensar decolonização a partir da perspectiva da Tecnologia, mais especificamente da Cosmotécnica. Ele propõe o seguinte:

A maneira como vemos a tecnologia enquanto força exclusivamente produtiva e mecanismo capitalista voltado ao aumento da mais-valia nos impede de enxergar seu potencial decolonizador e de perceber a necessidade do desenvolvimento e da manutenção da tecnodiversidade (Ibid., p. 10).

Para isso, devemos rever a Tecnologia sob a luz de diversas Cosmotécnicas, criando novas reflexões sobre os pressupostos e funções. Desassocia-la do *laquê* de neutralidade ideológica, do suposto universalismo e do progresso unidirecional que se coloca como necessário e imparável. Mas também, afastá-la da ideia de que é intrinsecamente ligada ao capitalismo, ao transhumanismo e a exploração, revendo-a, também, como uma ferramenta decolonial.

Para isso é necessário fragmentar o pensamento acerca da Tecnologia que tem em si o discurso de modernização autojustificada. Mas como Hui (2020) coloca: “A fragmentação é não dialética; na verdade, ela tende a desmontar a tendência totalizante da dialética e a liberar aquelas tendências que são eclipsadas por uma visão do progresso da história.” (p. 87). É essencial que essa fragmentação seja não dialetal, justamente, porque o discurso total da tecnologia ocidental o é. Gerar mais oposições desse tipo tem potencial de reforçar o seu andar. Essa fragmentação deve “desprender-se da convergência e da sincronização impostas pela tecnologia moderna, permitindo ao pensamento a divergência e a diferenciação” (HUI, Op. Cit., p. 88). Mais do que simplesmente se opor, a postura é inclusiva, já trazendo consigo diversidade de visões.

Durante “Tecnodiversidade” (2020) Hui nos mergulha na cosmologia chinesa para oferecer meios de como propor novas reflexões a partir de outras cosmologias, sem jamais colocar a Arte, a Filosofia e o Pensamento de sua cultura como única resposta. Ele entende que a oposição simplista ocidente/oriente é o pior caminho para resoluções, e nos fala da Técnica chinesa. Sobre como a lógica Taoísta, por exemplo, tem em si ferramentas que podem ser usadas como resposta, não como única, mas sim uma das diversas respostas que, por acaso, é a que está familiarizado. “Uma filosofia pós-europeia não é antieuropeia; ela não deve ser inventada apenas na América Latina, na Ásia ou na África, mas também na Europa.” (Ibid., p. 87).

Mesmo sem uma menção explícita, Hui parece querer lançar nosso olhar para cosmologias específicas, que tem raízes em tradições antigas e que, de alguma maneira, se perpetuaram ou continuaram até hoje. Notaremos sua ênfase para a Amazônica, Inca e Maia. Mas existe uma questão que coloca a América Latina num lugar distinto de países como a China. A maneira como o oriente e a América foram colonizadas difere (e muito). Desde antes do imperialismo europeu dominar tanto nosso continente quanto implantar postos comerciais na Ásia, já havia na Europa e no pensamento ocidental uma parcela de idealização das culturas ao leste, estabelecendo bases diplomáticas de contato mais respeitadas. A filosofia e tradições orientais puderam, de alguma maneira, serem incorporadas e se transformar, porém mantendo-se preservadas.

Por mais que possamos localizar na América Latina diversas cosmologias tradicionais, também encontraremos aquelas cujas raízes foram cortadas e replantadas à força em um solo desconhecido: muitas são emigrantes. De acordo com Hui (2020), “a essência da arte é a sua localidade” (p. 88), mas para determinados grupos populacionais aqui não é a pátria natal, ficando inviável acessar ancestralidades sem que estas não estejam amalgamadas com o trauma da diáspora. Certas cosmologias comportam-se como as plantas estepicursoras, as famosas *tumbleweeds* americanas dos filmes de faroeste. Vegetais que nas temporadas secas se desgrudam do solo e rolam pelas estepes, mortas, enquanto de seus restos decompostos caem sementes para perpetuar a espécie em outros lugares.

Qual é o lugar das culturas que não decidiram por si rolar pelo mundo e se espalhar, mas foram tiradas à força de sua terra e replantadas? O que acontece onde espécies invasoras destroem e se apropriam do que já existia? Que ecossistema novo é esse que se forma? O que ocorre onde não há uma raiz cosmológica ancestral continuada? Que tipo de Cosmotécnicas eles apresentam?

4 O Turista no Carnaval

Em “Hiperculturalidade” (2019) Byung-Chul Han discorre sobre a condição hipercultural, na qual a cultura é *des-mesurada* e *des-localizada*. Não se há um enraizamento profundo, linear, histórico e genealógico. Ela é justaposta, simultânea e se baseia em “tanto quantos” (p. 17). É essencial trazer esse conceito para conseguirmos olhar para a América Latina e até para, a partir dele, entender porque Hui nos convida a analisar a Cosmotécnica Amazônica e não a da Rocinha, do Carnaval ou da Umbanda.

Hui, talvez, por ser chinês e fazer parte de uma cultura que, no mínimo aos olhos do ocidente e no próprio discurso se entende como milenar, tendo uma relação baseada em “ao invés de” e não em “tanto quanto”, talvez tenha dificuldade de compreender uma cultura desassociada de um local-pátria-sangue. Uma cultura constituída na miscigenação, na adição e na justaposição compulsória ou espontânea, com um *local* que é o *não-local*, mas que oferece potência para o desenvolvimento de uma Hiper-culturalidade.

A cultura é, nas palavras de Han (2019), um “*patchwork*” (p. 95) se afastando de uma massa unitária. Ela é hiperindividual, fragmentada, ocorrendo na justaposição de fragmentos. Em relação a ela, Hui parece perceber uma unidade, mas aos olhos de Han, temos um peregrino re-auretizando, re-teologizando a localidade. O desejo do autor chinês em “Tecnodiversidade” (2020) é apontar para uma mudança, para uma alternativa a narrativa capitalista, ocidental e europeia, no entanto, o caminho que elege é fundamentalmente ligado à ancestralidade e localidade. Traços ontológicos que detemos, mas em “profanação” pelo convívio das diversas

linhas de poder que se sobrepõem, que nos atravessam e que não permitem a construção de mitos de origem “puros”.

Hui já veio ao Brasil, antes da pandemia de Covid-19, e sobre isso comenta:

Estive no Brasil em setembro de 2019 para uma jornada de palestras, e foi minha primeira visita à América Latina. Tenho lembranças muito agradáveis da acolhida calorosa que recebi de Ronaldo Lemos, Eduardo Viveiros de Castro, Hermano Vianna, Carlos Dowling, Aécio Amaral e de outros colegas, além das discussões intensas que tivemos. Pensando sobre tudo isso agora, nestes tempos turbulentos que estamos vivendo, essa viagem já parece muito distante. Minha breve estadia no Brasil só me permitiu dar uma espiada nessa realidade social e política bastante diferente, mas também confirmou a necessidade de pensar a decolonização a partir da perspectiva da tecnologia. Espero que este livro seja apenas o começo de uma conversa bem mais profunda (HUI, 2020, p. 12).

Por mais que tenha encontrado pesquisadores célebres e de extrema relevância para a construção de um Brasil decolonial, encontramos um grupo de justaposições semelhantes. Hui, por exemplo, não teve oportunidade de dialogar com Audino Vilão, um *youtuber* da periferia paulista, cujo *nickname* faz referência a um *Pokémon*. Em seus vídeos o jovem traduz para um público não iniciado visões kantianas utilizando a Xuxa como meio, enquanto conversa com Leandro Karnal⁴ sobre Schopenhauer e a cultura *emo*. Tudo com admirável lucidez.

É um exercício de imaginação interessante supor um encontro entre Hui e os membros da “Marcha Nerd”, um bloco de rua do carnaval carioca que mistura influências do samba, marchinhas populares, funk, músicas tema de *animes*, jogos e filmes da cultura *pop* e *nerd*. O grupo se concentra na Praça Xavier de Brito, num tradicional bairro da Zona Norte carioca. O nome dado ao local é em homenagem à um comandante militar luso-brasileiro, mas é conhecida como “praça dos cavaleiros”⁵, em seu centro há um chafariz francês, ornado de querubins barrocos, carrancas e golfinhos em meio a canteiros de flamboyants, árvores de Madagascar. É onde às vezes acontece a “Tijuca Gastro Fest”, que ao som de chorinho, samba e MPB, serve hambúrgueres, pastéis, *temakis*, pizzas, tacos, cerveja, *kimchi*, acarajé e espetinhos.

Por isso, nosso movimento é o de invocar a Tecnodiversidade para experienciar a produção cultural dessas comunidades periféricas na sua narrativa de diversidade. Quem sabe, enquanto os músicos solam *Saint Seya* versão Alalaô e *pikachus*, *darth vaders*, *vikings*, índios, *power rangers*, vampiros, *nerds*, metaleiros, paquitas, passarinhos, tarzans, zeuses, jesusés, ninjas, xuxas, *sailor moons*, cavaleiros medievais, astronautas e *narutos* dançam ébrios de cervejas nacionais feitas de milho com nomes estrangeiros, não seja possível vislumbrar, e⁵ meio ao derretimento e justaposição da cultura neste ritual local, que é o carnaval e uma série de outros movimentos, um possível desvio do destino trágico da Tecnologia.

Sabemos que existem diversos olhares para essas partes da América Latina mais polifônicas e hiperculturalizadas, talvez menos do que o necessário, mas isso também pode ser dito das cosmologias ancestrais. Não que falte também em Tecnodiversidade e nas suas propostas a

⁴ Leandro Karnal é professor e historiador, especializado em história da América, que tem feito sucesso na televisão e outras mídias brasileiras. Desde 2020 é apresentador no programa *CNN Tonight*, onde debate temas gerais com seus colegas.

⁵ Apelidada assim por conta dos passeios à cavalo oferecidos para crianças nos finais de semana.

abertura para que estas cosmotécnicas hiperculturais façam parte da diversidade, mas por algum motivo, quando ele convida a América Latina a se tecnodiversificar, ele convida as cosmologias ancestrais, que detém relações com aquela totalizante europeia parecidas com as relações das orientais.

Agora, nos resta saber quais são as Cosmotécnicas as quais o Design, enquanto uma delas, pode olhar para se re-inventar, ou melhor, para se *re-design*. Neste meio, quais são as ferramentas, seus produtos e produções que devemos olhar? Claro, ideal seria podermos responder “todos”, mas isso apresenta, no momento histórico do Brasil, uma impossibilidade. Então quais são os critérios que devemos utilizar para selecionar nossos objetos. Talvez olhar mais uma vez para Hui seja essencial, pois ele escolhe como objeto de análise uma parte da arte chinesa que o atravessa, que faz parte da sua construção como sujeito daquela cosmologia. Refletir sobre obras que atravessam as nossas subjetividades, identidades, socializações e outras diversas facetas da cosmologia da qual fazemos parte é fundamental. Não só pelo ponto de vista de refletir e criticar a nossa construção como sujeito, que é importante no nível individual, mas também porque ao ver de fora em geral recorremos à uma visão e metodologias tecnicistas que olham a produção de um ponto de vista Tecnológico, enquadrando-as na realidade aprovisionada (*bestand*) da qual queremos fugir. A conexão com nossos objetos deve ser capaz de ultrapassar a coisificação daquele mesmo objeto.

5 Referências

BACHELARD, G. **Fragmentos de uma Poética do Fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FINDELI, A. Rethinking design education for the 21st Century: theoretical, methodological and ethical discussion. **Design Issues**: Vol. 17, No. 1, p.5-17, 2000.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade**: cultura e globalização. São Paulo: Vozes, 2019.

HUI, Y. **The question concerning technology in China**: an essay in cosmotechinics. 1st ed. Falmouth: Urbanomic, 2016.

_____. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

HEIDEGGER, M. **The question concerning technology**, and other essays. New York: Garland Pub, 1977.

LATOUR, B. Um prometeu cauteloso? alguns passos rumo a uma filosofia do design. (com especial atenção a Peter Sloterdijk). **Agitprop: revista brasileira de design**, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.

_____. **Facing Gaia: eight lectures on the new climatic regime**. Cambridge, UK ; Malden, MA: Polity, 2017.

MANZINI, E.; CULLARS, J. Prometheus of the everyday: the ecology of the artificial and the designer's responsibility. **Design Issues**, v. 9, n. 1, pp. 5–20, 1992.

SLOTEDIJK, P. **Esferas I**: bolhas. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

VERNANT, J. P. **Myth and thought among the Greeks**. New York : Cambridge, Mass: Zone Books; Distributed by MIT Press, 2006.